

O conhecimento dos profissionais da saúde humana sobre as intervenções assistidas por animais

The knowledge of human health professionals about animal-assisted interventions

El conocimiento de los profesionales de la salud humana sobre las intervenciones asistidas por animales

Recebido: 01/12/2021 | Revisado: 06/12/2021 | Aceito: 10/12/2021 | Publicado: 18/12/2021

Caio Cezar Nogueira de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3149-6662>
Universidade Federal Rural da Amazônia, Brasil
E-mail: caionnogueira@gmail.com

Renata Itaparica de Carvalho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9694-1539>
Universidade Federal Rural da Amazônia, Brasil
E-mail: rcarterapeuta@gmail.com

Mayara Gomes de Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2742-3364>
Universidade Federal Rural da Amazônia, Brasil
E-mail: vetmayaragfreitas@gmail.com

Hilda Freitas-Rosário

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2010-1322>
Universidade Federal Rural da Amazônia, Brasil
E-mail: hilda.rosario@ufr.edu.br

Fernanda Peixoto Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8494-4620>
Universidade Federal Rural da Amazônia, Brasil
E-mail: fernanda.martins.ufra@gmail.com

Resumo

A inserção de animais de companhia em ambiente hospitalar por meio de intervenções assistidas tornou-se um método terapêutico alternativo na medicina humana, frente a isso, foram feitos estudos para que essas atividades sejam realizadas com segurança para todos os envolvidos. Diante disso, objetivou-se investigar a percepção de profissionais de saúde, atuantes em clínica e hospitais, acerca dos riscos e benefícios decorrentes de Intervenções Assistidas por Animais (IAA's). Trata-se de um estudo de levantamento no qual participaram 44 profissionais de saúde humana. A coleta foi feita através de um questionário com perguntas acerca de IAA's em hospitais, focando no bem-estar animal, do paciente e de outras pessoas envolvidas, além de possíveis riscos, realizada de modo *online* entre abril e maio de 2020. O perfil desses participantes foi em sua maioria residentes na região Norte do Brasil, na faixa etária de 30 a 40 anos, enfermeiros que atuam em hospital. Quanto as IAA's, 91% não têm experiência e 86,3% deles são favoráveis a entrada de cães nesse ambiente. Os participantes reconheceram que há benefícios aos pacientes, aos profissionais, aos acompanhantes e ao ambiente, tornando-o mais acolhedor e humanizado e que embora haja riscos: de contaminação do paciente, das reações das pessoas e dos cães, ou ainda aqueles resultantes da falta de preparo da equipe do hospital, a IAA por ser uma prática sistematizada por uma equipe multiprofissional contribui para a diminuição desses riscos.

Palavras-chave: Intervenção assistida por animais; Hospital; Riscos; Benefícios; Cães.

Abstract

The insertion of pets in hospital settings through assisted interventions has become an alternative therapeutic method in human medicine, and studies have been conducted to ensure that these activities are performed safely for all involved. Therefore, this study aimed to investigate the perception of health professionals, working in clinics and hospitals, about the risks and benefits of Animal-Assisted Interventions (AAIs). This is a survey study in which 44 human health professionals participated. The collection was done through a questionnaire with questions about AAIs in hospitals, focusing on animal, patient, and other people's well-being, as well as possible risks, carried out online between April and May 2020. The profile of these participants was mostly residents in the North region of Brazil, aged 30 to 40 years, nurses working in hospitals. As for AAIs, 91% have no experience and 86.3% of them are in favor of dogs entering this environment. The participants recognized that there are benefits to patients, professionals, companions and the environment, making it more welcoming and humanized, and that although there are risks: of contamination of the patient, of the reactions of people and dogs, or even those resulting from the lack of preparation

of the hospital staff, the AAI, as it is a systematized practice by a multidisciplinary team, contributes to the reduction of these risks.

Keywords: Animal assisted intervention; Hospital; Risks; Benefits; Dogs.

Resumen

El uso de animales de compañía en entornos hospitalarios mediante intervenciones asistidas por animales se ha convertido en un método terapéutico alternativo en la medicina humana, por lo que se han realizado estudios para garantizar que estas actividades se realicen de forma segura para todos los implicados. Por lo tanto, el objetivo era investigar la percepción de los profesionales de la salud, los asistentes en la clínica y los hospitales, acerca de los riesgos y beneficios de las intervenciones asistidas por anestesia (IAA). Se trata de un estudio por encuesta en el que participaron 44 profesionales de la salud humana. La recopilación se realizó a través de un cuestionario con preguntas sobre las IAA en los hospitales, centradas en el bienestar de los animales, el paciente y otras personas implicadas, así como los posibles riesgos, realizado online entre abril y mayo de 2020. El perfil de estos participantes era en su mayoría residentes en la región norte de Brasil, con edades comprendidas entre los 30 y los 40 años, enfermeros que trabajaban en hospitales. En cuanto a los IAA, el 91% no tiene experiencia y el 86,3% está a favor de la entrada de perros en este entorno. Los participantes reconocieron que hay beneficios para los pacientes, los profesionales, los acompañantes y el entorno y que aunque hay riesgos: de contaminación del paciente, de las reacciones de las personas y de los perros, o aún los resultantes de la falta de preparación del equipo del hospital.

Palabras clave: Intervención asistida por animales; Hospital; Riesgos; Beneficios; Perros.

1. Introdução

O vínculo humano-animal é histórico e compreende, em linhas gerais, as relações estabelecidas entre pessoas e animais e, em que medida essas relações influenciam na saúde física, psicológica e no bem-estar de ambos (McCardle et al., 2013). Os primeiros relatos no século XVII referem-se à figura do animal surgindo nos quintais domésticos e posteriormente chegando até dentro das casas como animais de estimação (Dotti, 2014).

Do mesmo modo a presença de animais no âmbito terapêutico, que com o passar dos anos e os avanços no que diz respeito aos estudos sobre esse tema resultaram na consolidação das Intervenções Assistidas por Animais (IAA's) como alternativa terapêutica em contextos cada vez mais amplos, como hospitais, consultórios médicos, abrigos para crianças, programas de educação especial, entre outros devido à sua característica multidisciplinar que visa o bem-estar dos envolvidos (Cheline & Otta, 2016; Fischer & Zanatta, 2021).

As IAA's buscam, primordialmente, melhorar a qualidade de vida e saúde do indivíduo alvo da atividade, através dos benefícios físicos e psíquicos decorrentes da relação positiva com animais, principalmente cães e cavalos (Squilasse & Squilasse Junior, 2018).

Já existem pesquisas que comprovam os benefícios frente as IAA's, haja vista que é uma prática alternativa de auxílio em tratamentos clínicos bastante utilizada em alguns países pelo mundo, inclusive no Brasil. Dessa forma, a IAA consiste em um método que utiliza animais com o objetivo de obter melhoras e auxiliar pacientes em diversos tipos de tratamento (Lima & Souza, 2018).

De acordo com Aluani et al. (2014) em uma pesquisa que demonstrou a influência terapêutica de cães em ambiente hospitalar, notou-se que medicações como analgésicos diminuam cerca de 90% quando há a presença do cão terapeuta nesse ambiente.

Diante disso, essas atividades que utilizam o cão como parte primordial na socialização e interação são um campo emergente na área da saúde pública. Em hospitais, os principais resultados indicam que a presença dos cães influencia de forma positiva na recuperação do paciente, resgatando sua autoconfiança e autoestima, que por consequência promove a melhora em sua condição clínica sob aspectos psicológicos e fisiológicos (Aluani *et al.*, 2014; De Freitas et al., 2018).

Dessa forma, para que essa intervenção ocorra de forma efetiva, é necessário que todos os membros da equipe multidisciplinar, composta por profissionais de saúde humana e animal, estejam aptos a trabalhar com as diversas variáveis que se apresentam nesse cenário (Nobre *et al.*, 2017).

Na maioria das vezes, as medidas indicadas são que os cães estejam saudáveis, banhados, vacinados e vermifugados, visitando regularmente o veterinário e bem treinados. Entretanto, é evidente que nem todos os riscos se originam no elemento animal, requerendo um olhar ampliado que inclua na análise todos os elementos do ambiente (Cheline & Otta, 2016).

Os resultados do trabalho de Moreira *et al.* (2016) evidenciaram que os profissionais participantes da pesquisa até reconheciam as mudanças promovidas pela presença dos cães no hospital, mas a dificuldade de acessar literaturas que abordem a temática, e o desconhecimento de como lidar com os cães e suas demandas foram relatados como os principais desafios para o desenvolvimento de IAA em hospitais.

Assim objetivou-se com esse estudo analisar a compreensão dos profissionais de saúde humana sobre a realização das IAA's em ambiente hospitalar, sua percepção dos possíveis benefícios e riscos dessa prática aos atendidos, assim como o perfil do animal, a partir da seguinte questão norteadora: Qual a compreensão dos profissionais de saúde humana sobre as IAA's em hospitais?

2. Metodologia

Trata-se de um levantamento de campo (Mattar & Ramos, 2021). Participaram deste estudo 44 profissionais de saúde humana que atuam ou não em Intervenções Assistidas por Animais (IAA), de diversas regiões brasileiras, contatados a partir da rede pessoal dos autores.

Aplicou-se um questionário elaborado e disponibilizado por meio da plataforma Google Formulários, estruturado em três partes, sendo: I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), II – Perfil Sociodemográfico e Profissional do respondente e III- Perguntas sobre a percepção dos profissionais acerca da presença de cães em hospitais e os benefícios decorrentes dessa prática, com o total de 18 perguntas (entre questões abertas e fechadas). A coleta de dados foi realizada de modo *online*, no período de 20 de abril a 10 de maio de 2020.

Na análise dos dados foi utilizada a estatística básica para cálculo das frequências de cada resposta e para os dados qualitativos, a análise de conteúdo (Bardin, 2010), sendo a palavra como unidade de registro e a frase como unidade de contexto.

Esse estudo respeitou os aspectos éticos e as implicações legais da Resolução nº 466/2013 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, obtendo a autorização do Comitê de Ética de Pesquisa do Hospital Universitário João de Barros Barreto (Parecer Nº 4.483.809).

3. Resultados e Discussão

A análise das questões fechadas permitiu a caracterização dos participantes quanto: região que residiam, idade, profissão, tipo de instituição que atuavam, se tinham ou não experiência com IAA, o animal para essa prática em ambiente hospitalar, se era a favor ou contra a inserção de cães em hospitais e os possíveis benefícios das IAA's.

Caracterização dos Participantes

De modo geral, dos 44 participantes, 81,9% residem na região Norte do Brasil, na faixa etária de 30 a 40 anos e com mais de 40 anos (31,8%) cada, conforme Tabela 1.

Tabela 1. Região onde reside e idade dos participantes.

Categorias	Subcategorias	Σ	%
Região	Norte	36	81,9
	Sudeste	6	13,6
	Centro	2	4,5
Idade	20 a 25 anos	6	13,6
	25 a 30 anos	10	22,7
	30 a 40 anos	14	31,8
	40 anos ou mais	14	31,8

Fonte: Autores (2021).

No que diz respeito à formação dos profissionais, a maioria era enfermeiro (9), seguidos de nutricionistas (6), terapeutas ocupacionais (6), psicólogo e fisioterapeutas (5), médicos e farmacêuticos (4), e atuam em hospital (56,8%), conforme Tabela 2. Responderam também, em menor número fonoaudiólogos, dentista e radiologista.

Tabela 2. Instituição em que atua e profissão dos participantes.

Categorias	Subcategorias	Σ	%
Instituição em que atua	Hospital	25	56,8
	Clínica	19	43,2
Profissão	Médico	4	9
	Nutricionista	6	13,6
	Farmacêutico	4	9
	Fisioterapeuta	5	11,3
	Enfermeiro	9	20,4
	Fonoaudiólogo	3	6,8
	Terapeuta Ocupacional	6	13,6
	Psicólogo	5	11,3
	Dentista	1	2,2
	Radiologista	1	2,2

Fonte: Autores (2021).

Quando questionados sobre ter experiência em Intervenções Assistidas por Animais (IAA's), 91% dos participantes responderam negativamente. Dos que têm essa experiência (9%), um é terapeuta ocupacional e fez curso, dois são psicólogos, sendo que um fez curso e o outro fez um estágio em IAA e um é nutricionista, cuja experiência foi por meio de curso. Ainda na Tabela 3, 86,3% deles são favoráveis a entrada de cães nos hospitais. Dos seis profissionais que não são favoráveis, cinco não têm experiência em IAA e um tem, através de curso.

Tabela 3. Experiência em IAA's, opinião sobre a entrada de cães em hospitais.

Categoria	Subcategorias	Σ	%
Experiência em IAA's	Sim	4	9
	Não	40	91
Entrada de cães em hospitais	Positivo	38	86,3
	Negativo	6	13,6
Profissionais que devem ser responsáveis pela visita de cães em hospitais	Médico Veterinário	20	45,4
	Adestrador	8	18,1
	Tutor do animal	14	31,8
	Médico	2	4,5
	Profissional com formação em comportamento animal	19	43,1
	Outros	3	6,8
Quem pode ser afetado(a) por possíveis riscos nas IAA's em hospitais	Paciente	20	45,4
	Cães	14	31,8
	Familiares	9	20,4
	Profissionais de saúde	8	18,1
	Ninguém	6	13,6
Comportamento frente a visita de um cão ao hospital	Abraçar e tirar uma foto	21	47,7
	Ficar observando de longe	14	31,8
	Tentar interagir	6	13,6
	Evitar o contato	1	2,2
	Solicitar a retirada do animal	1	2,2

Fonte: Autores (2021).

Quando questionados sobre qual profissional deveria ser responsável pela visita de cães em hospitais, onde os entrevistados poderiam indicar mais de uma alternativa, a maioria apontou o Médico Veterinário e um profissional com formação em comportamento animal, seguidos do tutor do animal. De acordo com De Freitas *et al.* (2018) esse profissional de saúde animal deve acompanhar os cães envolvidos com o intuito de supervisionar e garantir a saúde e bem-estar do animal e das pessoas, além de acompanhar e orientar, de forma adequada, os tutores e seus cães no que diz respeito ao comportamento e à promoção de saúde na relação entre homem e animal.

Além disso, a execução das sessões necessita da participação de uma equipe multidisciplinar, na qual as atividades são discutidas entre profissionais da saúde de acordo com as necessidades do público-alvo (Nobre *et al.*, 2017)

De uma forma geral, a equipe é constituída por um Médico Veterinário com formação em IAA, responsável por avaliar o cão no aspecto comportamental e sanitário; um adestrador encarregado de gerir o manejo correto do animal; e profissional de saúde humana responsável por organizar a equipe na definição das metas terapêuticas (Carvalho, 2018).

Quando questionados sobre quem pode ser afetado pelos riscos das IAA's em hospitais, os pacientes vieram em primeiro lugar (45,4%) seguido dos cães (31,8%), houve inclusive aqueles que relataram que não haveria riscos (13,6%) na medida em que a IAA é uma prática estruturada que consiste na utilização de animais com intuito de contribuir com o processo terapêutico, proporcionando benefícios ao público-alvo. Sobre a reação que eles teriam frente à visita do cão ao hospital, 47,7% abraçariam e tirariam uma foto, 31,8% ficariam observando de longe e 13,6% tentariam interagir.

Na análise das respostas às questões abertas foram identificadas três categorias temáticas: 'Benefícios', 'Riscos' e 'Características de um cão indicado para IAA'. Concomitante à análise temática foi feito levantamento da frequência de palavras em cada categoria. Após essa fase, as variáveis das duas primeiras categorias, foram alocadas em planilhas do NodeXL1 de acordo com a função que assumiam na composição dos grafos: se vértices ou arestas e os dados da última compuseram uma nuvem de palavras feita no Wordcloud.

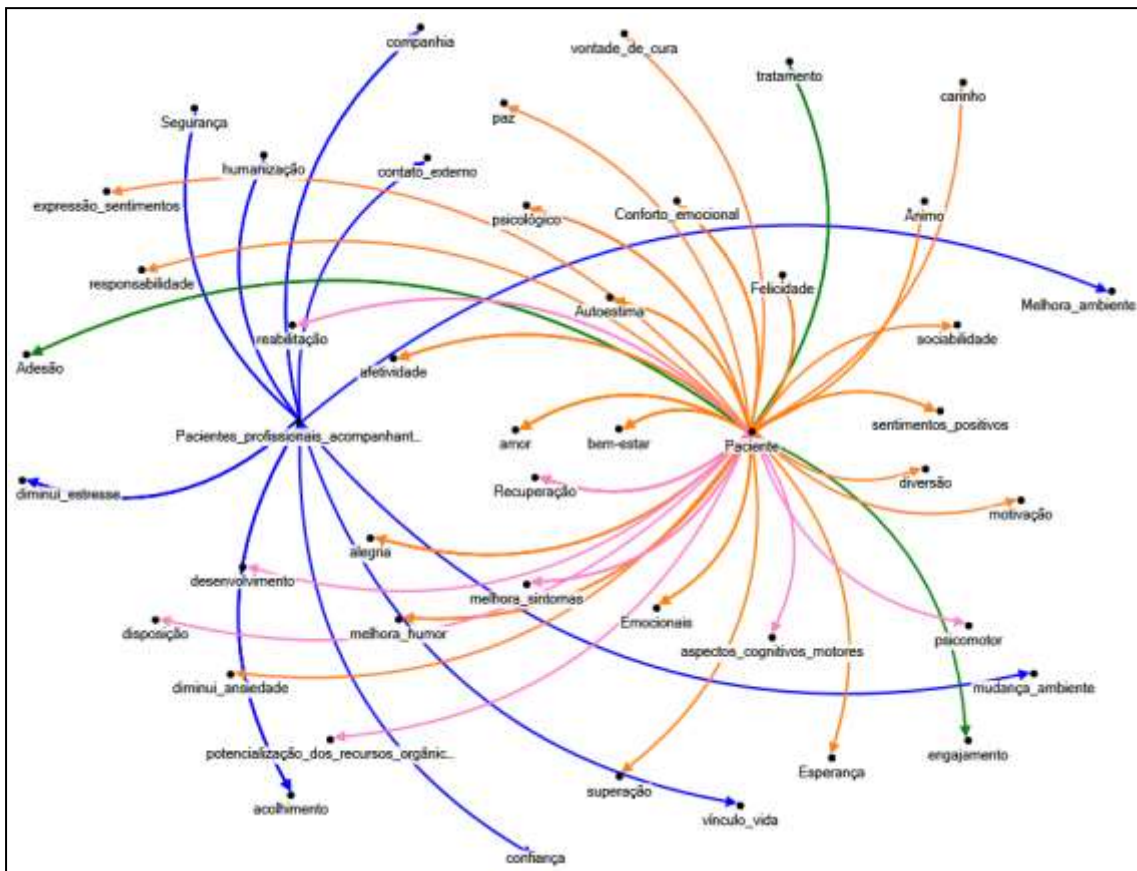
¹Trata-se de um software gratuito desenvolvido para o Microsoft Excel®, que permite a criação de grafos a partir dos dados analisados nas planilhas.

Benefícios da inserção do cão em ambiente hospitalar

A maioria dos respondentes (86,3%) avaliaram como positiva a entrada de cães em hospitais, assim os benefícios indicados por eles foram agrupados em quatro subcategorias: físicos e cognitivos, emocionais, tratamento e ambiente. Os dados obtidos em cada subcategoria originaram dois grafos conforme o tipo de beneficiado mencionado pelos participantes: 1) restrito ao paciente; 2) abrangente incluindo pacientes, acompanhantes e profissionais. O grafo formado pelos benefícios exclusivos ao paciente possui 34 vértices e 33 arestas. E o grafo dos benefícios a pacientes, acompanhantes e profissionais tem 11 vértices e 10 arestas, logo o maior número de relações dos benefícios foi feita diretamente aos pacientes.

Na Figura 1 pode-se observar os benefícios relacionados aos dois grupos.

Figura 1. Análise dos benefícios das IAA's percebidos pelos profissionais de saúde humana.



Legenda: Benefícios emocionais: cor laranja/ Benefícios físicos e cognitivos: cor rosa/ Benefícios no tratamento: cor verde/ Benefícios ao ambiente: azul. Fonte: Autores (2021).

Os benefícios exclusivos aos pacientes que se sobressaem são os emocionais (arestas laranja) com 23 arestas e 24 vértices, com ligações fortes nos vértices amor e bem-estar. Nos benefícios físicos e cognitivos a ligação mais forte é com o vértice recuperação. Dentre aqueles que indicaram exclusivamente o paciente, mencionaram as crianças como beneficiadas com a inserção do cão, outros não indicaram o beneficiado, mas apenas o benefício.

Já os benefícios percebidos como abrangentes, ou seja, ligados aos pacientes, profissionais e acompanhantes foram relacionados ao ambiente (grafo azul) e envolvem apenas quatro vértices e três arestas, cuja ligação mais forte é com adesão e tratamento. Evidenciou-se nesse último uma referência à humanização do espaço, de modo que a inserção do cão representaria “o fortalecimento de ‘vínculos com a vida’” (P34).

Nos benefícios do tratamento, embora o beneficiado final seja o paciente, muitas vezes a entrada dos cães no hospital foi relacionada primeiro à adesão ao tratamento, melhora no tratamento em si, contribuindo para a aceitação de sua condição e

consequentemente melhora dos sintomas por permitir o tratamento. Além disso, algumas falas destacaram aspectos do cão ou de sua inserção nos hospitais (treinamento e comportamento) e do ambiente hospitalar (consequências sociais da hospitalização e características do processo de internação).

De acordo com Nobre *et al.* (2017) em um estudo feito por meio do projeto pet terapia, no qual são realizadas IAA's em instituições de saúde, observou-se que nos locais que havia uma grande quantidade de pacientes, o simples fato de acariciar e tocar o cão, proporcionou a eles um alívio emocional significativo, refletindo na atenuação de sintomas como ansiedade, melhora na autoconfiança e autoestima, despertando o sentimento de afeto e a facilidade na interação com a equipe. Tal estudo corrobora com os benefícios emocionais indicados pelos participantes, onde sentimentos como bem-estar, alegria e melhora de humor foram destacadas com grande frequência.

No que tange aos benefícios físicos, segundo Dotti (2014) existem inúmeros pontos positivos decorrentes da utilização de IAA's que se encaixam a qualquer classe de pessoas, que são: incentivo a prática de exercícios, melhorando assim a mobilidade, estabilização da pressão arterial, esquecimento e/ou ausência do estado de dor, além do estímulo das funções de bem-estar e da fala. Esse estudo vai ao encontro de fatores como melhora dos sintomas e recuperação que tem participação direta dos componentes apontados pelo autor e apareceram de maneira repetitiva nas respostas dos profissionais.

Outrossim, no que diz respeito ao ambiente, segundo Chelini e Otta (2016), a equipe de saúde interdisciplinar tem papel primordial na aplicação de Terapia Assistida por Animais, já que atua diretamente nas demandas individuais de acordo com a área de atuação de cada profissional. Essa visão complexa do paciente promove por consequência um trabalho mais humanizado, favorecendo o fator motivacional e contribuindo para um melhor desempenho nas demais terapias.

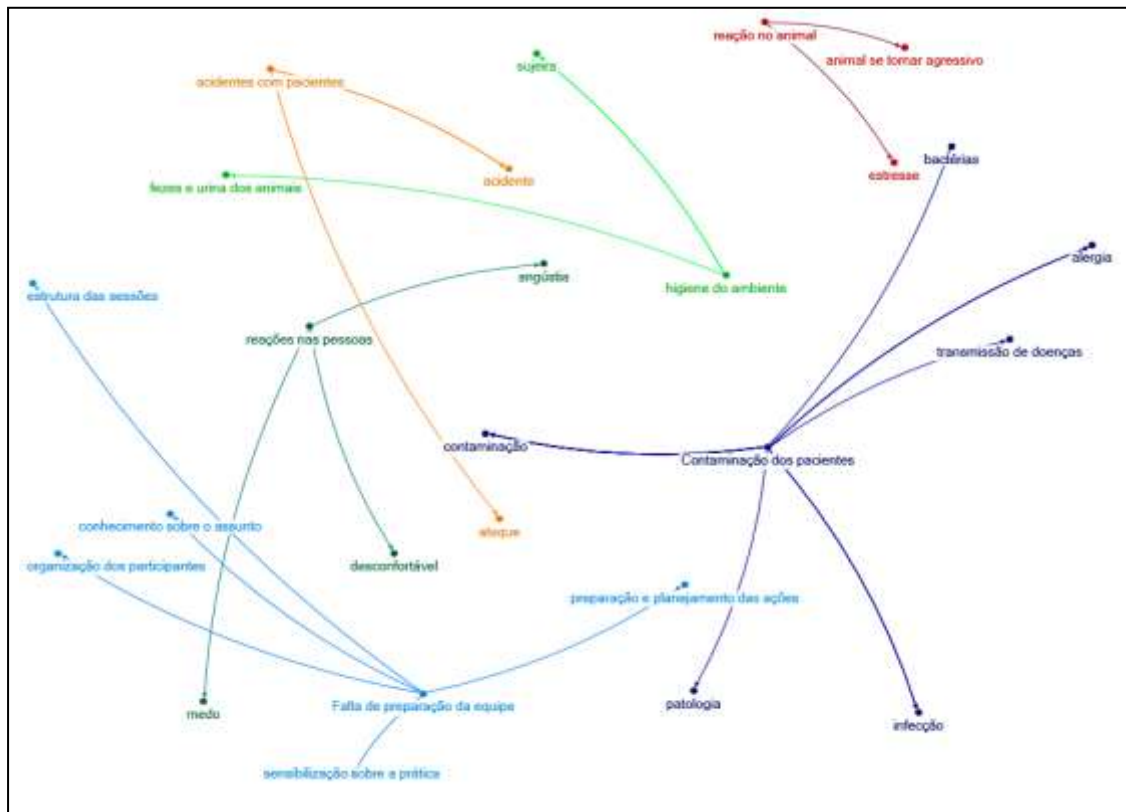
Diante do exposto, pode-se afirmar que os estudos citados corroboram com o ambiente humanístico e de acolhimento indicado pelos respondentes, onde o paciente é o principal beneficiado, mas os benefícios também refletem em profissionais e acompanhantes que estão vivenciando as intervenções rotineiramente.

Riscos da inserção do cão em ambiente hospitalar

Os profissionais de saúde humana alegaram que a presença de cães no hospital não causaria problemas (52% dos participantes), os demais, 45% afirmaram que sim, poderia causar problemas. Esse grupo apontou alguns riscos que foram agrupados em seis subcategorias: acidentes com pacientes; higiene do ambiente; reações nas pessoas; reações no animal; contaminação dos pacientes e falta de preparação da equipe, cada uma dessas ocupou a função do vértice principal do grafo ligadas ao subtipo conforme a categorização temática.

Essas subcategorias originaram os seis grafos da Figura 2 que serão explicados em ordem decrescente, ou seja, daqueles com maior número de vértices para os com menor número, a partir da frequência com que essas temáticas foram identificadas nas respostas dos profissionais.

Figura 2. Análise dos riscos das IAA's percebidos pelos profissionais de saúde humana.



Legenda: acidentes com pacientes: cor laranja/ higiene do ambiente: cor verde claro/ reações nas pessoas: cor verde escuro/ reações no animal: cor vinho / contaminação dos pacientes: cor azul escuro / falta de preparação da equipe: cor azul claro. Fonte: Autores (2021).

Os grafos das subcategorias contaminação dos pacientes (azul escuro) e falta de preparação da equipe (azul claro) foram os que tiveram mais vértices (sete e seis respectivamente) com seis e cinco arestas cada. Sendo o paciente, o alvo exclusivo da contaminação e o cão o vetor. Em estudos conduzidos pela National Association of State Public Health Veterinarians (2005) e Lefebvre et al. (2008), há indicações da existência dos riscos mencionados pelos participantes, em que a transmissão de zoonoses e a presença de agentes infecciosos oportunistas no ambiente hospitalar podem caracterizar o cão como um possível vetor que pode proporcionar riscos ao público-alvo dessas interações.

Outro risco, a falta de preparação da equipe (grafo em azul claro) foi apontada como um problema com desdobramentos no planejamento e estrutura das sessões, organização dos participantes (humano e animal) e as necessidades de conhecimento sobre o assunto e de sensibilização da equipe hospitalar sobre essa prática de IAA. Tais fatos vão ao encontro da pesquisa de Dos Santos et al. (2020) que direcionou a prática de terapia assistida por animais a crianças com transtorno do espectro autista alcançando bons resultados, dentre os fatores que desencadearam esse feito, ressaltou-se principalmente o trabalho de uma equipe de saúde multidisciplinar prepara para lidar com a espécie animal escolhida e os pacientes em questão.

No grafo sobre as reações nas pessoas (verde escuro) foram citadas: medo, angústia e desconforto, quando da visita de um cão ao hospital e isso poderia trazer riscos emocionais aos pacientes. Essas percepções dos profissionais de saúde humana diferem de estudos anteriores (De Lima et al., 2018; Nicoletti & Manuel, 2019; Silva, 2019) que apontaram ao paciente boas sensações resultantes da inserção dos cães capazes de minimizar os efeitos negativos da hospitalização.

Nos grafos, acidentes com pacientes (laranja), higiene do ambiente (verde claro) e reação no animal (vermelho) houve apenas duas arestas cada. Os participantes diferenciaram possíveis acidentes advindos dessa prática das contaminações e

alergias que o contato paciente-cão poderia causar naquele. Embora o alvo principal dos riscos tenha sido o paciente, houve um número reduzido de participantes que mencionaram riscos ao cão como: estresse e agressividade.

Em pesquisa conduzida por Krug et al. (2021) em que avaliou as condições de bem-estar de cães atuantes em intervenções assistidas, notou-se que quando são selecionados cães bem treinados e adaptados às pessoas participantes dessa prática, com tempo variando em torno de 40 a 60 minutos e sob supervisão de uma equipe treinada, não há indícios de alterações vitais e comportamentais desses cães, garantindo a segurança tanto do animal quanto das pessoas presentes.

Características de um cão indicado para IAA

De acordo com os participantes foram destacados alguns aspectos como primordiais para a atuação de um cão em hospitais, essas características físicas e comportamentais levantadas foram agrupadas em quatro subcategorias: 1) temperamento, 2) saúde, 3) biótipo e 4) adestramento. Na Figura 3 segue uma nuvem de palavras elaborada no Wordcloud composta por 19 palavras, onde o tamanho delas na imagem representa a frequência com que foram mencionadas nas respostas. Seguem as cinco primeiras em ordem decrescente com sua respectiva frequência: dócil (N=25), adestrado (N=13), limpo (N=8), obediente, manso (N=7). Ressalta-se que as cores nessa figura foram escolhidas a partir de um conjunto de cores (temas) previamente disponibilizados pelo aplicativo, não podendo ser escolhido uma cor para cada subcategoria.

Figura 3. Nuvem de palavras com as características de um cão para atuação em IAA indicadas por profissionais de saúde humana.



Fonte: Autores (2021).

Na subcategoria temperamento, o ideal de um animal para essa atividade identificado pelos profissionais foi: ser dócil (N=25), calmo, não ser agressivo ou ansioso e ser ativo e brincalhão, além de gostar de contato com muitas pessoas e permitir ser manuseado. Tal fato corrobora com Dotti (2014), no qual justifica que os cães são os animais mais utilizados nas intervenções, por apresentarem uma afeição natural pelas pessoas, possuírem fácil adestramento, serem mais sociáveis, por fazer o reconhecimento das emoções humanas e a formação do vínculo afetivo com os humanos que o cercam.

Além disso, na subcategoria saúde dos cães, os respondentes indicaram que o animal deve ser higienizado (N=8), saudável (N=4), bem tratado (N=3) e possuir vacinas em dia (N=3). De acordo com Aluani et al. (2014) em um projeto que

avaliou a contribuição do cão terapeuta em ambiente hospitalar, os animais passam por rigorosa avaliação comportamental, além de acompanhamento regular com médicos veterinários, mantendo vacinação e vermifugação em dia, bem como perfeitas condições psicológicas para uma boa relação terapêutica.

No que tange as características físicas (biótipo) ideais apontadas pelos profissionais, de que o cão deve ser de porte pequeno (N=5) a médio (N=3) e ter pouco pelo (N=1), não corrobora com a pesquisa de Dotti (2005) na qual indica que podem ser usados cães de diferentes portes e raças, contudo, é importante tomar cuidado com a idade dos animais selecionados, pois se muito jovens tendem a ser inquietos e os mais velhos podem cansar mais rápido que o normal, diante disso não são indicados.

De acordo com Carvalho (2018), os cães atuantes em IAA não devem participar das sessões se estiverem sendo tratados com medicamentos antifúngicos, imunossupressores ou antibióticos; apresentarem suturas com pontos ou feridas abertas; as fêmeas estiverem amamentando, gestantes ou em estro; apresentarem sinais de doença ou os outros animais com quem convivem apresentarem sinais clínicos de doença.

Na última subcategoria, adestramento do animal, os participantes apontaram que para estar apto a atuar nas intervenções, o cão deve ser adestrado (N=13), treinado e ser obediente aos comandos de seu tutor (N=7). Tais fatores apontados corroboram com os métodos utilizados pelas instituições American Kennel Club e Pet Partners onde cada cão é submetido a testes de comportamento vivenciando experiências do cotidiano, sejam elas previsíveis ou não, que podem ocorrer durante uma sessão, além de focar no aperfeiçoamento do contato entre o cão e o seu condutor e entre o cão e o paciente alvo das interações (Chelini & Otta, 2016).

4. Considerações Finais

O estudo buscou analisar como os profissionais de saúde humana vêem a presença de cães no ambiente hospitalar e as práticas de IAA nesse espaço, os possíveis benefícios e riscos e como julgam ser o perfil dos animais selecionados para trabalhar em IAA. De modo geral, os profissionais que participaram desta pesquisa foram em sua maioria com formação em enfermagem, residindo na Região Norte do país, na faixa etária de 30 anos ou mais, atuando em hospitais e sem experiência em IAA's.

Os resultados dessa pesquisa sugerem que a percepção dos profissionais de saúde humana se assemelha em muitos pontos àquilo que é preconizado e desenvolvido por instituições e grupos que trabalham com IAA em contexto hospitalar, diferindo no que se refere às características físicas dos cães, que para estes profissionais devem apresentar pelos curtos e ser de porte pequeno ou médio. Nas IAA's o cuidado na seleção dos animais está mais relacionado à faixa etária dos cães para que não sejam muito jovens ou muito idosos, pois há estudos que sugerem influência desse aspecto no comportamento do animal que pelo biótipo.

Os dados também mostraram que a visão sobre a entrada de animais em hospitais é positiva, e que apesar de a maioria dos profissionais não ter experiência com IAA, constatou-se o reconhecimento dos benefícios aos pacientes, profissionais e acompanhantes, como por exemplo: tornar o ambiente hospitalar mais acolhedor e humanizado. Quanto aos riscos, embora a maioria das respostas tenha sido relativa a contaminação dos pacientes, houve aquelas sobre acidentes com pacientes e reações nas pessoas em geral, como medo, angústia e desconforto, diferindo a literatura da área. Acredita-se que essa diferença se deva à forma de coleta dos dados, via formulário eletrônico, uma limitação do estudo, uma vez que o contato com o participante ocorreu de modo indireto.

Além disso, os participantes apontaram a IAA como um método terapêutico alternativo que contribui diretamente com a melhora do quadro clínico de pacientes, proporcionando benefícios para o público-alvo e para as pessoas que os acompanham. E embora eles tenham ciência da possibilidade de riscos nesse tipo de prática compreendem que as chances são

mínimas quando há o preparo adequado da equipe responsável e do animal. Assim, sugere-se para estudos futuros a coleta com esses profissionais por meio de entrevistas, mesmo que de modo online em virtude da pandemia de COVID-19 e a coleta com pacientes e acompanhantes, para que aspectos como esse dos riscos e benefícios possam ser aprofundados de modo a orientar o planejamento de práticas de IAA em ambientes hospitalares.

Referências

- Aluani, E. P., Machado, A. C. A., Trindade, I. C., Hipólito, P. S. A., & Correia, E. C. V. S. (2014). A Contribuição do Cão Terapeuta no Ambiente Hospitalar. In *Congresso de Humanidades & Humanização em Saúde, 1(2)*, Blucher. 10.5151/medpro-cihhs-10609.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. (4a ed.). Edições 70.
- Carvalho, I.R. (2018). Utilização de cães em intervenções assistidas por animais em Portugal: avaliação do bem-estar animal e proposta de regulamentação. (Tese de Doutorado). Universidade de Lisboa, Faculdade de Medicina Veterinária. Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/16668>.
- Chellini, M. O., & Otta, E. (2016). *Terapia assistida por animais*. Manole.
- De Freitas, D. B. A., Mistieri, M. L. A., Soares, C. D., & Gomes, E. M. (2018). Desenvolvimento de atividades assistidas por cães e o papel do médico veterinário. *Revista Ciência em Extensão, 14(3)*, 22-30. https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1909/2061
- De Lima, C. M., Krug, F. D. M., Bender, D. D., Rodrigues, R. M., Mechereffe, B. M., Vieira, A. C. G., Capella, S. O., & Nobre, M. O. (2018). Intervenções assistidas por animais realizadas em ambiente hospitalar na promoção do cuidado com a vida. *Expressa Extensão, 23(2)*, 89-95. <https://doi.org/10.15210/ee.v23i2.13189>
- Dotti, J. (2005). *Terapia & animais: atividade e terapia assistida por animais para organizações, profissionais e voluntários*. Ed. Noética.
- Dotti, J. (2014). *Terapia e animais*. Livrus.
- Dos Santos, R. F., Lima, A. M. C., Souza, M. A., Silva, H. O., Silva, T. L., & Pires, B. C. (2020). Terapia Assistida por Animais (TAA) em crianças com transtorno do espectro autista atendidas pelo Centro de Atenção Psicossocial. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, 9(9)*, e955998060-e955998060. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.8060>
- Fischer, M. L., & Zanatta, A. A. (2021). Social representation of animal-assisted activity in hospitals. *Revista Bioética, 29*, 615-628. <https://doi.org/10.1590/1983-80422021293497>
- Krug, F. D. M., Capella, S. O., Schmitt, C. I., Freguglia, B. L. A., Silva, E. C., Lima, C. M., & Nobre, M. O. (2021). Bem-estar animal de cães durante as intervenções assistidas por animais. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, 10(1)*, e3001019730-e3001019730. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.9730>
- Lefebrev, S. L., Peregrine, A. S., Golab, G. C., Gumley, N. R., Waltner-Toews, D., & Weese, J. S. (2008). A veterinary perspective on the recently published guidelines for animal assisted interventions in health-care facilities. *Journal of the American Veterinary Medical Association, 233(3)*, 394-402. <https://doi.org/10.2460/javma.233.3.394>
- Lima, A. S., & Souza, M. B. (2018). Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. *Revista Saúde e Desenvolvimento, 12(10)*, 224-241. em <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/880>.
- Mattar, J., & Ramos, D. K. (2021). *Metodologia da pesquisa em educação: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas*. Edições 70.
- McCardle, E., McCune, S., Griffin, J. A., Esposito, L., & Freund, L. S. (2013). *Os animais em nossa vida: família, comunidade e ambientes terapêuticos*. Papirus.
- Moreira, R. L., Gubert, F. A., Sabino, L. M. M., Benevides, J. L., Tomé, M. A. B. G., Martins, M. C., & Brito, M. A. (2016). Assisted therapy with dogs in pediatric oncology: relatives' and nurses' perceptions. *Revista Brasileira de Enfermagem, 69*, 1188-1194. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0243>
- National Association of State Public Health Veterinarians. (2005). Compendium of measures to prevent disease associated with animals in public settings, 54 (RR-4), 1-12. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15788996/>
- Nicolleti, M. A., & Manuel, P. R. (2019). Terapia assistida por animais (TAA) ou atividade assistida por animais (AAA): incorporação nas práticas integrativas e complementares no SUS. *Infarma-Ciências Farmacêuticas, 31(4)*, 248-258. <https://doi.org/10.14450/2318-9312.v31.e3.a2019.pp248-258>
- Nobre, M. O., Krug, F. D. M., Capella, S. O., Ribeiro, V. P., Nogueira, M. T. D., Caniellas, C., & Tillmann, M. T. (2017). Projeto pet terapia: intervenções assistidas por animais: uma prática para o benefício da saúde e educação humana. *Expressa Extensão, 22(1)*, 78-89. <https://doi.org/10.15210/ee.v22i1.10921>
- Silva, B. D. G. (2019). As Intervenções Assistidas por Animais no contexto hospitalar: uma revisão bibliográfica e percepções de condutores de animais. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de São Paulo. São Paulo. Recuperado de: <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/51746>
- Squillasse, A. F., & Squillasse Junior, F. T. (2018). Intervenções assistidas por animais: considerações gerais. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, 16(2)*, 30-35. <https://doi.org/10.36440/recmvz.v16i2.37778>